

A IMPORTÂNCIA DOS CÂNTICOS DO SERVO DE JAVÉ PARA A CRISTOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

Enio R. Mueller

OS CÂNTICOS DO SERVO DE JAVÉ

Já há um bom tempo a pesquisa do Antigo Testamento tem isolado dentro do livro de Isaías alguns poemas, conhecidos como "cânticos do Servo de Javé". Pelas semelhanças e pelo que têm em comum, eles representam uma inquestionável tradição dentro do Antigo Testamento. Têm sido objeto de intenso estudo, e já é enorme a bibliografia sobre eles. No presente trabalho não temos a pretensão de fazer uma análise metódica dos poemas em si, mas queremos enfocá-los à luz de seu uso posterior no Novo Testamento, em relação com a pessoa e missão de Jesus Cristo.

Vamos começar por uma rápida análise dos quatro cânticos, tentando mostrar um quadro em especial da pessoa ou entidade por eles apresentada, bem como aspectos relativos a sua missão.

1. Isaías 42.1-9

Identificação: Trata-se aqui do "servo de Javé" (*ebed Yahweh*), o seu escolhido, aquele a quem Javé sustém (v. 1). Nele Javé tem um prazer todo especial (v. 1); chamou-o em justiça (*be'zedeq*; "para o serviço da justiça", segundo a Bf-

blia de Jerusalém (BJ), pôs sobre ele seu espírito (v. 1), tomou-o pela mão (v. 6). Foi Javé quem o fez, quem o moldou, usando-se a mesma palavra que em Gn 2.7 descreve a criação do homem; moldou-o no seu caráter e na determinação pelo cumprimento de sua missão (v. 6).

Missão: A missão do servo de Javé está, por essência, relacionada com o que aqui se chama de *mishpat* e que pode ser traduzido por "direito" (tradução de Almeida, revista e atualizada - ARA) ou por "julgamento" (BJ). O termo aparece três vezes (v. 1, 3, 4) e é definitivamente central para a compreensão da missão do servo. Queremos aventar aqui a possibilidade de compreendê-lo de maneira ampla, como se referindo à "vontade de Javé" de um modo geral. Talvez o significado não esteja longe, em termos de conteúdo, daquilo que Jesus anunciou como "reino de Deus" (reino de Deus como cumprimento de sua vontade). Os verbos usados junto com o termo também são sugestivos: duas vezes usa-se *yatsā*, "fazer sair", talvez "divulgar", "tornar público" (v. 1, 3); o outro termo é *si'm*, "estabelecer". Sobre esta *mishpat* diz-se que será implementada "em verdade" (*le'emeth*, "para a verdade; "com fidelidade" (BJ), o que talvez não seja o melhor sentido aqui. Certo é que o projeto está relacionado com "a verdade" - v. 3). Como objetos são mencionados "os gentios" (v. 1) e "a terra" (v. 4, provavelmente significando o mundo todo). Dentro da mesma linha, diz-se que o servo está colocado como "aliança" (*berith*) para o povo (v. 6), um pensamento importante. Ele é o pacto que Javé faz com o povo (*am*). Ele é "luz para os gentios" (*go'im*, os mesmos do v. 1), e pode já estar havendo uma interpretação disso quando se diz que "as terras do mar" aguardam o seu ensino (*torah*, "doutrina" (ARA)). Por fim, há uma declaração bastante específica sobre a sua missão no v. 7, onde é dito que ele abrirá os olhos aos cegos, e porá em liberdade os cativos de toda forma de cativoiro (assim queremos entender a menção dos dois tipos de prisão no texto).

Características especiais: O servo demonstra um especial cuidado e consideração com o que é fraco, desprezado, marginalizado, simbolizados aqui na cana esmagada pelos que sobre ela pisam descuidadamente, e na torcida que fumeja, o pavio da lâmpada de óleo quando está para se apagar (v. 3).

Conseqüências de sua ação: A conseqüência maior da atuação do servo aqui descrita é que a mishpat (a vontade de Deus) será finalmente estabelecida na terra (v. 4); ou seja, a sua missão terá êxito, ele sairá vitorioso.

2. Isaías 49.1-6

Ao analisarmos agora os outros três cânticos, cuidaremos tão somente de ressaltar o que eles têm a acrescentar, questionar ou reforçar ao quadro que até aqui obtivemos, em cada um dos pontos que selecionamos para análise.

Identificação O nosso personagem é novamente chamado de "servo de Javé" (v. 3 e 6), sendo que aqui se lhe dá expressamente o nome de "Israel" (v. 3 - Segundo a LXX, em 42.1 o servo é chamado de "Jacó", o que seria então um equivalente). Em sua auto-identificação, ele declara o seguinte: Javé o chamou (cf. 42.6), e isto desde o próprio ventre materno (v. 1). Javé o escondeu sob a sombra de sua mão (v. 2, cf. a expressão "a quem sustenho" de 42.1, bem como 42.6). E em cores guerreiras, ele declara que Javé o fez como uma flecha afiada, guardada em sua aljava, e fez sua boca como espada cortante (v. 2). Este elemento "guerreiro" é novo na descrição, e acrescenta uma característica interessante ao quadro, embora não explicada em detalhes. O v. 5 faz um acréscimo ao v. 1, dizendo que Jacó o "formou" desde o ventre materno (cf. 42.6).

Missão: Novamente a missão do servo é colocada na dupla perspectiva de povo escolhido e todos os outros povos. Por um lado, ele "torna a trazer" Jacó do cativo (v. 5), "restaura as suas tribos" (v. 6), e "reúne" Israel (que no v. 6 é melhor definido como "os remanescentes de Israel"). Por outro lado, ele é apresentado de novo como "luz para os gentios" (v. 6; cf. 42.6), sendo que a perspectiva universal de 42.6 é explicitada ao se dizer que ele está destinado a trazer salvação "até as extremidades da terra" (v. 6).

Características especiais: O servo é colocado como aquele "por quem Javé será glorificado" (v. 3). Do mesmo modo, o v. 5 declara que ele será glorificado diante de Javé.

O seu "direito" (mishpat) agora "está perante o Senhor", de quem também espera a recompensa. Ou seja, há um relacionamento muito íntimo entre o servo e Javé, e na sua missão ele é representado como um "enviado" de Javé. Aparentemente, o v. 4 lhe reserva uma vida de esforços e cansaço sem sucesso aparente.

3. Isaías 50.4-9

Identidade: Aqui o personagem é apresentado como um mestre "erudito" (v. 4). Parece a descrição de um profeta e conselheiro, que ouve a palavra de Deus e a transmite com sabedoria e fidelidade (v. 5).

Missão: A única missão aqui descrita é a de dizer "boa palavra ao cansado" (v. 4).

Características especiais: Novamente aparece uma preocupação com os menos favorecidos ("cansados", v. 4). Também a "ajuda" de Javé, a sua presença ao seu lado, é de novo enfatizada (v. 7,9). E finalmente volta outra vez o tema do "insucesso", aqui ampliado e incluindo afrontas e efetivo sofrimento (v. 6).

4. Isaías 52.13-53.4

Identidade: É de novo chamado de "servo" (52.13). A designação é repetida em 53.11, com o acréscimo de "o justo".

Missão: Descrita aqui em termos de passado, a missão do servo é apresentada como a de um sofredor que carrega sobre si a iniquidade e o pecado do povo, substituindo-o no recebimento do "castigo" (53.5). Este sofrimento vicário, sim, esta morte vicária (53.9,7) é expresso de várias maneiras: "tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores (v. 4; cf. 6,11,12), "foi traspassado pelas nossas transgressões", moído pelas nossas iniquidades" (v. 5); "por causa da transgressão do meu povo foi ele ferido" (v. 2); ele oferece sua vida como "sacrifício pelo pecado" (v. 10, BJ).

Características especiais: De novo aparece o aspecto do

sofrimento na sua vida, agora pintado em cores dramáticas (52.13; 53.2,3,7). O quadro é ampliado ao remontar a causa última do seu sofrimento ao próprio Javé (v. 10). Por fim, sua absoluta inocência é reivindicada (especialmente em 53.9).

Conseqüências finais da sua atuação: Como em 42.1-5, descrevem-se aqui conseqüências da missão do servo. A sua morte traz paz e cura e justificação. Ele verá finalmente a vontade ("desígnio", BJ) do Senhor prosperar no futuro (v. 10). Verá e ficará satisfeito (v. 11), pois a sua "derrota" na morte será transformada em triunfo (v. 12). Junto com o que é dito em Is 42.4, temos aqui uma descrição de um aspecto às vezes um pouco desconsiderado da missão do servo, ou seja, o seu triunfo escatológico.

5. A identidade do servo: um estudo de hermenêutica

A questão da identidade do servo tem sido extensamente debatida, e também nos interessa aqui na medida em que se discute a identificação cristológica do cristianismo primitivo. Vamos enumerar alguns pontos de reflexão ao problema:

a) Por que o servo não é claramente identificado? Se houvesse alguma identificação histórica específica, e o autor a quisesse revelar, por que não o fez? Creio que o próprio texto não visa a essa especificidade na identificação do personagem. Muito provavelmente o texto profético alude a um determinado padrão ou tipo historicamente recorrente, que não pode e não quer se esgotar numa situação histórica dada.

b) Isso não quer dizer que não haja uma "primeira" situação histórica, que sirva de pano-de-fundo para as meditações do poeta e as revelações do profeta. Qual seria esse entorno histórico? Sem entrar na discussão sobre a data e autoria do livro, podemos dizer que há relativo consenso na pesquisa, em torno do cativo babilônico como marco referencial primeiro destes cânticos. Os que aceitam uma autoria múltipla de Isaías não vêem problema com essa tese, e os defensores da unidade do livro vêem aqui uma revelação profética para tempos futuros, isto é, o período do exílio na Babilônia. É aí, portanto, que devemos procurar a primeira moldura histórica da realidade espelhada nos cânticos.

c) Fixado este marco histórico, podemos começar a procurar a "identificação primária" do servo de Javé, e que nos dará uma espécie de parâmetro para todas as identificações históricas posteriores. As possibilidades, apontadas pelos estudiosos, são: a) o próprio autor, que estaria tentando expressar seu sofrimento em favor do povo; b) o profeta estaria pensando em Jeremias, sendo que sua vida serviria agora de exemplo ao povo sofredor no exílio; c) o servo seria o próprio povo em sua situação de exílio; d) o personagem que estaria em vista seria Ciro, o rei persa que quebrou o domínio dos babilônios, propiciando a volta dos judeus a sua terra (cf. Is 45.1,13); e e) o servo seria um Redentor futuro que assume em sua pessoa o sofrimento do povo, libertando-o.

d) É impossível analisar em detalhes aqui cada uma destas sugestões. A polarização mais freqüente tem sido entre uma interpretação individual e uma coletiva. Creio que o problema está justamente na polarização, como se fossem duas posições irremediavelmente excludentes. No segundo cântico (Is 49.1-6) temos, de certa forma, uma dupla asseveração com relação ao servo: ele é Israel (v. 3) e ao mesmo tempo transcende tal identificação, quando um pouco adiante (v. 5) é descrito como alguém que tem uma missão em relação a Israel, ou seja, não se pode identificá-los. A solução mais provável, então, é que o servo represente o povo, no seu sofrimento, numa primeira instância, e ao mesmo tempo o transcenda, na pessoa de um Redentor futuro que encarna o destino do povo e assim o redime e liberta.

O USO DOS CÂNTICOS POR JESUS NA INTERPRETAÇÃO DA SUA MISSÃO

Quando chegamos ao Novo Testamento, percebemos nele uma leitura retroativa dos cânticos do servo, reportando-os à vida, paixão e ressurreição de Jesus Cristo. Tem-se discutido muito até que ponto tal identificação foi anterior aos eventos da paixão. Os estudiosos divergem nesse ponto.¹

Nas sinagogas, quando Is 53 é interpretado em sentido

1. BULTMANN, Rudolf. *Theologie des Neuen Testaments*. Tübingen, Mohr, 1968, p. 32-3.

messiânico, parece que é exatamente o sofrimento e a morte do servo que **não** são interpretados messianicamente, sendo estes aplicados ao povo, ou em ainda outros sentidos (cf. Bultmann, p. 33).

Neste aspecto, havia sem dúvida algo novo na aplicação messiânica das passagens do servo, o que se tornou corrente no cristianismo primitivo. Remontaria esta interpretação ao próprio Jesus?

À primeira vista, uma leitura dos evangelhos parece demonstrar que Jesus compreendeu, desde o início, seu ministério em termos da missão do servo de Javé. A apresentação pública do seu programa, na sinagoga de Nazaré, parece trazer isso de forma implícita. A passagem que ele leu, de Is 61, lembra muito de perto a descrição de Is 42,7, que define a missão do servo nos mesmos termos ("para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere os que jazem em trevas"). Num momento importante do seu ministério, ele claramente definiu sua missão como a de um servo que veio "para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45, numa inequívoca alusão a Is 53.41,12). Novamente, já nas vésperas da paixão, distribuiu o cálice aos discípulos e o interpretou como "o meu sangue ... derramado em favor de muitos" (Mc 14.24). Pouco depois, conforme o relato de Lucas, explicitamente se identificou com o personagem de Is 53.12, ao assumir a sina deste: "importa que se cumpra em mim o que está escrito ... porque o que a mim se refere está sendo cumprido" (Lc 22.37).

A crítica tem se dividido nessa questão, com muitos estudiosos questionando a "autenticidade" destes ditos de Jesus, preferindo vê-los como interpretação posterior da comunidade. Não podemos aqui entrar a fundo no problema, mas possivelmente F. Stagg tem razão ao concluir que "provavelmente seja correto presumir que Jesus conhecia exatamente os poemas do servo, e que via neles uma descrição básica de sua função messiânica".²

2. *Teología del Nuevo Testamento*. Buenos Aires, Casa Bautista de publicaciones, 1976. p. 64.

O USO DOS CÂNTICOS NA IGREJA PRIMITIVA PARA INTERPRETAR A MISSÃO DE JESUS

De qualquer forma, após a ressurreição a identificação de Jesus com o servo se impôs no querigma apostólico. "O conceito do servo exerceu uma influência considerável sobre a teologia da igreja primitiva".³ A este respeito, J. L. Hoad escreve:

Jesus não deixou mais que algumas indicações sobre o significado da sua morte. A explicação teológica haveria de vir depois. As indicações (p. ex. os 'muitos' de Mc 10.45 e 14.24) como que dizem: 'vide Is 53, ali encontrareis a chave...' E foi exatamente isso que fez a igreja primitiva... Quando a seguir produziram uma cristologia e uma soteriologia baseada no servo (cf. At, 1 Pe e citações nos evangelhos), parece bastante claro que os cânticos do servo, de Isaias, devem ter sido proeminentes entre as Escrituras interpretadas..."⁴

Os apóstolos passaram a narrar a vida e morte de Jesus em termos de consumação da missão do servo, e é inegável que os cânticos ganham dimensão nova e iluminadora à luz do evento de Cristo.

Um estudo analítico determinará que são poucos os escritores do Novo Testamento que não fizeram uso, de uma ou outra forma, dessa identificação. E talvez os que não o fizeram seja simplesmente por não haver razão para fazê-lo dentro dos escritos que temos preservados, embora na sua pregação o pudessem ter feito. Oscar Cullmann trata o conceito do servo como chave para a cristologia do Novo Testamento: "Chegamos diretamente ao coração da cristologia do NT com o título *ebed Yahweh*, embora os estudiosos nem sempre lhe tenham dado o seu

3. MARSHALL, I. H. Servo de Deus. In: *NDITNT*. São Paulo, Vida Nova, vol. 4, p. 462.

4. Servo de Deus. In: *Novo dicionário da Bíblia*. São Paulo, Vida Nova, col. 1519.

lugar próprio.⁵

1. Os evangelhos sinóticos

Já tivemos oportunidade de ver o uso dos ditos de Jesus feito por Marcos, quando ele se identificava com o Servo (10.45; 14.24). Além disso há fortes indicações de que por trás de Mc 1.11 haja uma alusão a Is 42.1: "Eis aqui ... o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz". Esta tradição é comum a todos os sinóticos (cf. Mt 3.17; Lc 3.22). O mesmo tema, a confirmação divina da missão de Jesus, aparece, em outro contexto, em Mc 9.7 e seus paralelos Mt 17.5; Lc 9.35. Sobre Marcos, C. Maurer chega a afirmar que "a tradição marcana foi moldada em boa parte pelo conceito do Ebed Yahweh"⁶ Com isso concorda a tradicional designação de Marcos como o "Evangelho do Servo". Mateus também faz uso considerável dessa imagem, como podemos ver pelas passagens já vistas em que ele assume uma tradição comum, bem como por uma terceira apresentação do tema em 12.18-21, onde ele faz uma citação explícita de Is 42.14, declarando o cumprimento dessa passagem no ministério público de Jesus.

2. Atos

No livro de Atos encontramos um aspecto único de nosso tema. Jesus recebe explicitamente o título de Servo (*pais*), especialmente no começo do livro (3.13,26; 4.27,30). Difícilmente não haverá aí uma reminiscência dos cânticos de Isaías. Ainda mais que em 8.26ss, na história do eunuco e de Felipe, temos uma típica demonstração da interpretação cristológica de Is 53 no cristianismo primitivo. A pergunta: "a quem se refere o profeta?" (v. 34), Felipe com toda segurança responde, nas palavras do redator, "começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus" (v. 35). Cull-

5. *The Christology of the New Testament*, p. 91 (citado da versão inglesa).

6. Knecht Gottes und Sohn Gottes im Passions-bericht des Markus-Evangeliums. In: *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, n. 50, 1953, p. 1ss.

mann interpreta a cristologia de Atos como uma cristologia do servo de Javé, chegando inclusive a cunhar a expressão "paldologia" (cf. op. cit.) para esta parte do seu estudo.

3. Paulo

Nos escritos paulinos não encontramos citações definidas ou alusões explícitas à interpretação da missão de Jesus a partir da imagem do servo de Javé. Não obstante, uma análise detida de algumas passagens-chave revelará que muito provavelmente tal identificação era elemento formativo da interpretação cristológica do apóstolo. Por exemplo, temos o célebre hino cristológico de Fp 2.5-11, onde a vida de Jesus é descrita em termos de humilhação e esvaziamento, "assumindo a forma de servo" (v. 2). A palavra aqui é *doulos*, mas não podemos ser tão inflexíveis quanto à terminologia, pois há evidências no Novo Testamento de um uso intercambiável de vários termos para expressar as mesmas idéias. Outras passagens paulinas reforçam a impressão de uma inspiração na figura do servo de Javé para a descrição do evento de Cristo: em Rm 4.25 Paulo fala de Jesus, nosso Senhor, o qual "foi entregue por causa das nossas transgressões", numa provável alusão a Is 53.12. Igualmente em 2 Co 5.21, "ele o fez pecado por nós", há um eco de Is 53.6. E quais seriam as "Escrituras" de que nos fala 1 Co 15.3,4, quando interpreta a morte e ressurreição de Jesus "segundo as Escrituras"? Não poucos têm visto aqui Is 53 como pano de fundo. Também a interpretação do evento cristológico em Rm 5.12ss parece ter como pano de fundo tal passagem. É certo que a cristologia paulina enfatiza muito mais a identificação de Cristo como *kyrios*, mas isso não significa que o aspecto de Messias sofredor não seja importante para Paulo. A esse respeito, Cullmann diz: somente citações diretas estão ausentes. Em três das mais importantes passagens cristológicas de Paulo (1 Co 15.3,4; Fp 2.7; Rm 5.12ss) a *idéia* do sofrimento vicário do Servo de Deus está presente indubitavelmente" (cf. op. cit.)

4. Escritos joaninos

Discute-se a possibilidade de encontrarmos o tema do servo de Javé em João. No entanto, por trás de várias passa-

gens parece que podemos detectar a presença deste motivo. Temos, por exemplo, Jo 1.29,36, onde João Batista aponta para Jesus como o "Cordeiro de Deus". É bem provável que "o servo de Isaías 53 subjaz a forma *amnos tou theou*". Essa transição de *ebed* para *amnos* teria sido possibilitada pela ambigüidade do aramaico *talya'*, que pode tanto significar "cordeiro" como "menino", "servo" (Marschall, p. 461). Cullmann insiste em que nesta passagem a idéia original está "mais para servo do que para cordeiro pascal". Além desse texto, temos Jo 10.11,17-18, onde se está falando de Jesus como Bom Pastor. Algumas vezes aparece a idéia de um sacrifício vicário, de uma morte substitutiva que bem se ajusta ao padrão indicado em Is 53: "dá a vida pelas ovelhas"; "dou a minha vida", "espontaneamente a dou". Em Jo 12.38, num contexto que já prepara os acontecimentos da paixão, o evangelista cita expressamente Is 53.1, o que demonstra que tal texto estava em sua cabeça à medida em que ia refletindo sobre a morte de Jesus.

Finalmente, temos em Ap 5 uma passagem que para muitos é uma reminiscência do servo. O Cristo glorificado é apresentado como "um cordeiro morto (*esfagmēnon*)", o que pode muito bem aludir às vívidas imagens de Is 53.7, onde a LXX fala de *prōbaton* (depois usa *amnos epi sfagēn*).

5. 1 Pedro

A primeira epístola de Pedro é um dos livros que mais expressamente trabalham com uma cristologia do Servo. 1 Pe 2.21-25, falando de suportar com paciência o sofrimento, aponta para Cristo como exemplo inspirador de tal atitude. E o faz citando de Is 53.5,6. Aqui já começa a aparecer outro aspecto importante da tipologia do servo, com relação à auto-identificação da comunidade de Jesus, o que analisaremos mais adiante.

6. Cristologia humilhada versus cristologia triunfante no Novo Testamento

Já ao tratarmos do uso da imagem do servo em Paulo, notamos a questão do uso bem mais freqüente da terminologia do

kyrios e é certo que depois da ressurreição a idéia do Senhor presente contribuiu para isso. Este é um problema que tem ocupado a muitos: como conciliar, na mesma comunidade apostólica, uma "cristologia humilhada", no padrão do servo, com uma "cristologia triunfante", no padrão do Senhor? Cremos que ambos os conceitos são importantes e centrais à cristologia do Novo Testamento. São como dois lados de uma mesma moeda. Talvez a chave para a compreensão da questão esteja em Mc 1. 11 e paralelos, onde temos a descrição do *bat kol*, a voz do céu, que proclama a singularidade de Jesus: "Tu és o meu Filho amado, em quem me comprazo". Aqui a missão de Jesus é interpretada em termos do Filho escolhido de Deus. Por um lado, temos aí um eco da descrição do rei (messiânico) poderoso e vitorioso do Sl 2; e, por outro, da descrição do servo sofredor de Is 42.1. O próprio fato de encontrarmos nos sinóticos, em outro contexto, uma "repetição" deste evento, poderia nos dar a chave para uma compreensão dupla de Jesus e de sua missão: no batismo (Mc 1.11) ele é o servo sofredor, que assume diante dos homens o seu destino⁷; na transfiguração, temos uma espécie de antevisão do Senhor exaltado em relação com o seu triunfo escatológico.

Na verdade, essa "dupla face" de Jesus e sua coerência dentro de um único propósito divino tem sido reconhecida na pesquisa. Cullmann afirma que Is 52.13 é um ponto extremamente importante para o contato, como a idéia cristã defende, do servo de Javé simultaneamente Filho do Homem que virá nas nuvens. Hans Walter Wolff e Gerhard von Rad enfatizam que o Deuteroisaias fala do sofrimento e morte somente a partir do ponto de vista da exaltação.

A IDENTIFICAÇÃO DA IGREJA COM O SERVO (JESUS): OS CÂNTICOS NA AUTO-IDENTIFICAÇÃO E NA PARÊNESE DA IG. PRIMITIVA

A importância dessa identificação de Jesus com o servo sofredor muito provavelmente se reflete na própria auto-identificação dos cristãos primitivos, ao entenderem-se (e a sua missão) em termos de "servos" de Deus (se realmente a questão lingüística de distinção entre "doulos" e "pais" for i-

7. Cf. a relação de "batismo" com "sofrimento" e "morte".

nexpressiva). Paulo inclusive chega a falar em "completar os sofrimentos de Cristo" como parte da sua missão (Cl 1.24). Um ponto alto nessa concepção, como já vimos, se encontra em 1 Pe, onde os servos são chamados a suportarem com paciência o seu sofrimento, "por motivo de consciência para com Deus" (1 Pe 2.19-20). O aspecto do sofrimento vicário, naturalmente não exclui-se desta perspectiva. Enfatizado é o aspecto de que parece que o sofrimento faz parte da missão histórica do povo de Deus, conforme também se vê na epístola aos Hebreus. Por isso, o autor pode falar "porquanto para isso mesmo fostes chamados" (1 Pe 2.21). Seguir o Cristo ressurreto (1.3) e glorificado (1.21) é seguir seus passos (2.21), e isso certamente envolverá disposição ao sofrimento.

Quase podemos falar, então, de uma extensão a mais na identificação do servo: Ele é: o povo judeu no cativo; Jesus, o Messias de Deus; o povo de Deus no Novo Testamento, que assume em seu destino e sua missão a identidade e missão do servo de Javé, conforme demonstrada de forma tão vívida na pessoa de Jesus de Nazaré.

CRISTOLOGIA DO SERVO VERSUS ECLESIOLOGIA DO SERVO NA AMÉRICA LATINA HOJE

Este último pensamento nos levou a uma compreensão eclesiológica da igreja moldada em cima da sua compreensão cristológica, sendo que assim podemos falar agora com propriedade de uma "eclesiologia do servo", tal como a vemos na auto-identificação da igreja primitiva.

Isto nos fornece uma importante chave para compreendermos a igreja na sua história, e para avaliarmos o seu grau de fidelidade a seu Senhor e à missão que lhe foi proposta. Nesse sentido, vemos muitas vezes uma igreja que (inconscientemente, esperamos) se recusa a assumir este papel, preferindo ver-se num papel de ostentação e de dominação, de riqueza e de progresso.

Num continente como é a América Latina hoje, este conceito nos dá uma chave que nos permite avaliar a posição histórica da igreja latino-americana e brasileira, e a fidelidade com que tem assumido e desempenhado a identidade e missão

que seu senhor lhe confiou. E ao fazermos isso, não podemos fugir de um reconhecimento do nosso pecado histórico, dos nossos desvios e da forma com que temos "ajeitado" o mandato do Senhor. A igreja da América Latina talvez tenha refletido pouco do Servo de Javé, pouco dessa face de Jesus, desviando-se assim em um dos pontos fundamentais na sua auto-compreensão. Vemo-la muito mais ao lado de tiranos e dominadores, ricos e poderosos, a viver e pregar um triunfante evangelho de riqueza, progresso e ascensão na escala social. Vemo-la numa atitude de quietismo ou até de cumplicidade na perseguição quando membros dela têm procurado assumir essa identidade de Servo, sujeitando-se ao sofrimento em prol da causa de gente espoliada e marginalizada, os mesmos dos quais se diz com relação ao servo, que "não os esmagará, nem apagará a sua chama" (Is 42.3). O servo é o que vem para "abrir os olhos aos cegos, para tirar da prisão o cativo e do cárcere os que jazem em trevas". O servo é o que, na sua missão, "derruba dos seus tronos os poderosos e exalta os humildes; enche de bens os famintos e despede vazios os ricos" (Lc 1. 52-3, descrevendo o que Deus fez e fará por "Israel, seu servo"). Isso não é um incitamento à violência, o que certamente não foi a atitude do servo. Mas certamente, na América Latina, não temos pecado tanto desse lado como no outro, de nos termos colocado quase sempre ao lado do poder e da dominação.

Que possamos, como igreja encarnada numa situação concreta como a da América Latina e do Brasil hoje, rever à luz da figura do Servo de Javé, a nossa auto-compreensão, a nossa compreensão das nossas posições históricas e da missão que o Servo de Deus, o Senhor da Igreja, nos confiou.